



A apropriação Nazista de Platão

*José Roberto Nogueira de Sousa Carvalho**

Resumo: O trabalho em questão visa demonstrar como se deu a apropriação dos conceitos e argumentos filosóficos de Platão por parte daqueles que eram favoráveis ao Partido Nacional-Socialista. A apropriação se dá de forma que revela não somente a relação dos nazistas com a filosofia de Platão, mas também com a Filosofia como um campo do saber. Ao longo da pesquisa se revelará o contexto cultural de tal interpretação política do filósofo grego e, ademais, o ambiente intelectual que a tornou possível, analisando contribuições de filólogos, filósofos e poetas como Ulrich von Wilamowitz-Moellendorf, Werner Jaeger, Julius Stenzel, Stefan George, Kurt Hildebrandt, Joachim Bannes, Hans F. K. Günther entre outros. Denotamos, portanto, a importância de uma tradição alemã que perpassa grupos/movimentos como o Terceiro Humanismo e o Círculo de George para que Platão se torne “apropriável” pelos nazistas.

Palavras-chave: Platão; República; Nazismo.

The Nazi appropriation of Plato

Abstract: The work in question aims to demonstrate how the appropriation of Plato's philosophical concepts and arguments by those who favored the National Socialist Party took place. The appropriation occurs in a way that reveals not only the relationship of the Nazis with Plato's philosophy, but also with Philosophy as a field of knowledge. Throughout the research, the cultural context of such political interpretation of the Greek philosopher will be revealed and, moreover, the intellectual environment that made it possible, analyzing contributions from

* Mestre em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Assessor (comissão) da Secretaria Geral em Procuradoria Geral do Distrito Federal (PGDF). E-mail: zenogueira71@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5345541325455205>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6280-9783>.

philologists, philosophers and poets such as Ulrich von Wilamowitz-Moellendorf, Werner Jaeger, Julius Stenzel, Stefan George, Kurt Hildebrandt, Joachim Bannes, Hans FK Günther among others. Therefore, we denote the importance of a German tradition that permeates groups/movements such as the Third Humanism and the George's Circle so that Plato becomes “appropriated” by the Nazis.

Keywords: Plato; Republic; Nazism.

Os antecedentes filológicos: Wilamowitz e o Terceiro Humanismo

Observam-se, ao longo da história diferentes interpretações da obra platônica, de forma que, entre os diversos escritos de Platão, *A República* despertou muito interesse nas mais diversas sociedades. A descrição da *Kallipolis*, no diálogo em questão, causou extremo impacto na história da filosofia, sendo incessantemente citada ao longo dos anos desde sua publicação. É sobre o teor de tais argumentações platônicas que divergiam os seus mais variados intérpretes, acarretando uma vasta produção bibliográfica sobre o assunto. Assim sendo, o artigo em mãos visa promover uma revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam das interpretações que os autores nazistas tiveram da obra de Platão, em especial, da *República* (abordando, dentro da sua disponibilidade, também as fontes primárias).

Deve-se, contudo, dentro do escopo deste artigo, ater-se aqui ao cenário intelectual que propiciou a apropriação nazista dos textos de Platão, ou seja, às interpretações de Ulrich von Willamowitz-Moellendorf; do *George-Kreis*; de Julius Stenzel e do Terceiro Humanismo de Werner Jaeger. Uma tal incorporação se dá graças ao teor da virada política na interpretação dos diálogos de Platão em solo germânico, mostrando ser possível a apropriação nazista dos escritos do filósofo grego. Afinal, conforme Takeshi Sasaki postula: “O consenso até o final do Século XIX era que o pensamento de Platão e a *Politeia* não tinham qualquer

implicação política real específica”¹ (Sasaki, 2012, p. 148, tradução nossa). O crédito de tal virada se deve ao classicista, Wilamowitz, que para Mauro Bonazzi, marcou a origem da interpretação política de Platão com a publicação em dois volumes de seu *Platon* (Bonazzi, 2020). Wilamowitz, de fato, promoveu uma nova chave interpretativa, uma leitura diferente daquilo anteriormente proposto: o filólogo buscou a reconstrução da vida e dos anseios (eminentemente políticos) de Platão, que seria, por sua vez, condição interpretativa da obra do ateniense (Bonazzi, 2020)².

Observando, portanto, nas palavras de Sasaki (2012), que a interpretação do filólogo alemão era baseada na ideia de que Platão tinha um objetivo político de modificação da sociedade, e diante do fato de ter sido impedido disso, passou a viver como filósofo. Tal leitura de que Platão era eminentemente um homem político impedido de exercer seu papel e que por isso seria filósofo tem consequências consideráveis na leitura dos diálogos e dos trechos que neles tratam de política. Bonazzi expõe tal perigo:

A consequência das premissas que Wilamowitz dispõe é uma leitura política dos diálogos de acordo com a qual todas doutrinas políticas dos diálogos, por mais radicais ou bizarras que possam parecer, devem ser tomadas seriamente e podem, portanto, ser usadas como um antídoto para a crise da Alemanha do início

¹ “*The consensus until the end of the 19th century was that Plato’s thinking and the Politeia did not have any specific real political implications*”.

² “*Wilamowitz had a different goal – the reconstruction of Plato’s internal life, which cannot simply be reduced to Plato’s biography (1920, 7). Such an imaginative reconstruction, in its turn, was to be the condition for a correct understanding of Plato’s philosophy as well. Wilamowitz’s conclusion that Plato is a politikos aner, and that his philosophy pursues a political goal, is the result of a psychological analysis, based on the Seventh Letter*”. “Wilamowitz tinha um objetivo diferente – a reconstrução da vida interna de Platão, que não pode simplesmente ser reduzida à biografia de Platão (1920, 7). Tal reconstrução imaginativa, por sua vez, era para ser a condição para a correta compreensão da filosofia de Platão também. A conclusão de Wilamowitz que Platão é um homem politikos, e que sua filosofia persegue um objetivo político, é o resultado de uma análise psicológica baseada na *Carta VII*” (Bonazzi, 2020, p. 185, tradução nossa).

do século XX³ (Bonazzi, 2020, p. 185, tradução nossa).

Em suma, o posicionamento de Wilamowitz⁴ diante da *Carta VII* de Platão estimula uma interpretação política da vida do filósofo grego, que, inevitavelmente, ficou permeada pelos problemas do contexto alemão do século XX. A Alemanha do filólogo germânico se encontrava em uma crise advinda da derrota na Primeira Guerra Mundial, de maneira que este contexto influenciou a virada política nas interpretações de Platão. Vegetti, assim, expõe o panorama geral da interpretação política de Platão que teve por pano de fundo incontornável a crise da sociedade alemã:

É nesta atmosfera que se dá o “regresso” ao Platão político – fecundo em efeitos futuros –, primeiro, por obra de Ulrich von Wilamowitz, prestigiado professor catedrático de filologia clássica na Universidade de Berlim, depois por obra do Terceiro Humanismo (isto é, terceiro depois do Renascimento e da época de Goethe) de Werner Jaeger (que foi o sucessor de Wilamowitz em Berlim) e de Julius Stenzel (Vegetti, 2012, p. 111).

Disto depreende-se que Wilamowitz, embora seja o personagem principal da mudança interpretativa de Platão no contexto germânico do século XX, não foi o único, vendo em seu aluno, Jaeger, o principal intérprete de Platão e fundador do chamado Terceiro Humanismo. O movimento em questão se destacava dos “humanismos anteriores” pelo fato de que trazia ambições políticas, e não estéticas, de modo que os

³ “*The consequence of the premises Wilamowitz lays out is a political reading of the dialogues according to which all the political doctrines of the dialogues, radical or bizarre as they may appear, have to be taken seriously and can, therefore, be used as an antidote to the crisis of early twentieth-century Germany*”.

⁴ Ressalta-se que Wilamowitz era um defensor da autenticidade da *Carta VII*, mas, para Isnardi Parente (1973, p. 154-156), a epístola cumpriu um papel meramente confirmador da interpretação política que Wilamowitz já acusava aderir antes de seu *Platon* ser publicado. Isnardi Parente faz, portanto, um cointraponto a Bonazzi (2020) e a Bonazzi e Chiaradona (2018, p. 14) no que se refere à importância da *Carta VII* na mudança interpretativa de Wilamowitz.

gregos ofereciam uma lição que seria útil para transformar a sociedade alemã moderna (Bonazzi, 2020).

A contribuição de Jaeger é pautada na sua visão de que havia uma continuidade e afinidade entre a Grécia de Platão e a Alemanha de seu tempo, de forma que seu humanismo se elevava em relação aos anteriores por cultivar justamente tal proximidade eminentemente política entre o mundo grego e o germânico. Essa continuidade pode ser entendida como um heroísmo aristocrático, pautado não mais na aristocracia tradicional da Prússia, mas em um ideal voltado para o “espírito” com base étnica mais que hereditária (Vegetti, 2012). Foi apontado, por tais termos, conforme indica Simona Forti, que o monumental texto de Jaeger, a *Paideia*, tinha “Sinistras afinidades com as interpretações platônicas pré-nazistas e nazistas”⁵ (Forti, 2006, p. 16, tradução nossa). O posicionamento de Jaeger muda com o tempo, especialmente com a tomada do poder pelos nazistas, de modo que o autor passa de uma afinidade inicial com a interpretação Nacional-Socialista de Platão, para um posterior exílio e afastamento teórico (Cambiano, 2010). Assim, Jaeger destoa em diversos momentos das interpretações dominantes nos setores nazistas, em especial, no que se refere ao papel da etnia e da raça na *República*. Jaeger considera que a *Kallipolis* não se erige sobre uma excepcionalidade grega (ou nórdico-ariana), de maneira que outros povos conseguiriam pôr em prática os ensinamentos platônicos:

Uma ou outra vez classifica de cidade grega o seu Estado, mas este não representa a nação dos gregos, pois a seu lado coexistem outros Estados helênicos, com os quais aquele pode estar em paz ou guerra. Não é pois a etnia grega dos seus habitantes que serve de fundamento à sua existência como Estado. O Estado ideal de Platão poderia realizar-se igualmente entre os bárbaros, e até é possível que alguma vez tenha existido entre eles nos tempos passados, sem o nosso conhecimento. Não é o material étnico de que está

⁵ “*Sinister affinities with the pre-nazi and nazi Platonic interpretations*”.

formado que infunde valor à comunidade estatal de Platão, mas sim a sua perfeição como um todo (Jaeger, 2013, p. 832).

Ademais, além de Jaeger, ecoa na mesma linha do Terceiro Humanismo o filólogo, Julius Stenzel (que também viria a ser perseguido pelos nazistas na década de 30), que com seu projeto de *Platão educador*, dá continuidade à interpretação acerca da *Carta VII*⁶ e de sua autenticidade, além do projeto de construção da autoridade com base na figura filosófica platônica, constituindo dois princípios: a devoção ao Estado como tarefa que consagra o indivíduo; e a aceitação da condução do Estado por meio de seus chefes (Vegetti, 2012).

A construção de Stenzel acerca da autoridade e do Estado em “Platão educador” se deu de tal forma que a afinidade com fundamentos do regime nazista foi notável: conforme explica Vegetti “Nunca em outras ocasiões o Terceiro humanismo se aproximou a tal ponto da doutrina do *Führerprinzip* como nestas páginas de Stenzel” (Vegetti, 2012, p. 123).

George-Kreis: Kurt Hildebrandt e a entrada no Nazismo

Conforme explicita Bonazzi (2020), paralelamente ao desenvolvimento de Terceiro Humanismo, se deu na Alemanha a produção do chamado Círculo de George: grupo de autores, poetas e filósofos que se reuniam em torno de Stefan George e que, a despeito de suas desavenças com Wilamowitz, seguiram a sua interpretação de que Platão era um pensador eminentemente político. Tal congruência, entretanto, guardava uma série de discordâncias, de modo que, as interpretações do Círculo de George traziam um teor diferente, e acabaram por ter mais proeminência, como demonstra Alan Kim: “[...] o ideal de Wilamowitz estava em

⁶ Stenzel não só considera a *Carta VII* como autêntica, como dedica um capítulo inteiro a ela em sua obra magna, tratando-a por “testamento político pedagógico” de Platão, ressaltando sua importância no conjunto da obra platônica (Stenzel, 2021, p. 307).

declínio, em seu lugar, Stefan George e seu Círculo introduziram Platão, o profeta político”⁷ (Kim, 2017, p. 209, tradução nossa).

O grupo em questão era marcado pelo forte romantismo e pela aversão mútua ao ambiente acadêmico alemão (que era correspondida pelos catedráticos, de maneira que muitos dos membros eram “rejeitados” pela academia), sendo o maior dos expoentes do grupo, no que tange à promoção de um Platão político, o médico e filósofo Kurt Hildebrandt (Bonazzi, 2020). O círculo dava uma continuidade às ideias de que Platão deveria ser lido politicamente, acrescentando o caráter do heroísmo e do erotismo à sua leitura, a qual priorizava a vida, o corpo e a poesia em detrimento da investigação científica ou acadêmica. O George-*Kreis* ainda teve por características clamar “Ter descoberto um Platão holístico, purificado da tradição ocidental [...]”⁸ (Rebenich, 2017, p. 187, tradução nossa), além de buscar dar destaque às doutrinas não-escritas de Platão, tal como à figura do “Sócrates platônico” (Rebenich, 2017).

Destarte o filósofo grego passou a ocupar um lugar de destaque entre as referências do grupo, em sua maioria de língua alemã.⁹ Isso se deu também graças ao fato de que integrantes do grupo, como Hildebrandt, pregavam uma continuidade racial e espiritual entre os gregos antigos e os germânicos, de maneira que Platão figuraria ao lado dos vários autores que mantinham vivo o espírito heleno no sangue nórdico (Hildebrandt, 1933, p. X).

⁷ “[...] *Wilamowitz's ideal was on the wane; in its stead, Stefan George and his Circle introduced Plato the political prophet*”.

⁸ “*To have discovered a holistic Plato, purified from the western tradition, [...]*”.

⁹ “*Predictably, Plato was quickly counted as one among these founders, leaders, and rulers (Gründer, Führer, Herrscher). More surprising, perhaps, is that Plato became the most prominent figure in a group otherwise composed mainly of German writers such as Hölderlin, Goethe, and Nietzsche*”. “Previsivelmente, Platão foi rapidamente contabilizado como um entre tais fundadores, líderes, e governantes (Gründer, Führer, Herrscher). Mais surpreendente, talvez, é que Platão se tornou a figura mais proeminente em um grupo principalmente composto por escritores alemães como Hölderlin, Goethe e Nietzsche” (Bonazzi, 2020, p. 188, tradução nossa).

O Platão de Wilamowitz, por sua vez, se mostra diferente do Platão propriamente nazista e, conseqüentemente, do Platão do George-Kreis, pois o Platão do filólogo era um homem mais centrado na ciência, enquanto o do círculo dos poetas, um ativista irracionalista, conforme afirma Margherita Isnardi Parente:

[...] para ir do Platão de W. ao Platão dos nazistas, o passo ainda é considerável. Se o Platão de W. já é aquele filósofo antiliberal de quem os antiplatonicos das décadas seguintes farão um oligarca reacionário ativo, uma espécie de Crítias aprimorado, um fascista *ante litteram*, ou, no caso da crítica marxista, expoente da reação agrária, ele também é, e sempre quer ser, um homem de ciência, não um místico ou um profeta, não um líder carismático. O contraste com o irracionalismo e o misticismo é a nota que distingue W. dos extremos a que a crítica de inspiração nazista chegará mais tarde, em dívida com o misticismo irracionalista do Stephan George Kreis [...]¹⁰ (Isnardi Parente, 1973, p. 163, tradução nossa).

Hildebrandt, por sua vez, não economizou esforços para a produção e divulgação de um Platão desamarrado das limitações acadêmicas, promovendo uma leitura política e romantizada do ativismo heroico de Platão. Tal fato pode ser percebido pela revelação de que Platão era uma espécie de estadista (*Führer*, conforme as indicações do George-Kreis), preocupado com a situação política de sua época, e não um filósofo preocupado com questões estritamente educacionais, dialéticas e conceituais. A percepção de Hildebrandt ecoa a de Wilamowitz, no sentido

¹⁰ “[...] per giungere dal Platone del W. al Platone dei nazisti il passo è ancora notevole. Se il Platone del W. è già quel filosofo antiliberal di cui poi gli antiplatonici dei decenni posteriori faranno un oligarca reazionario attivo, una sorta di Crizia potenziato, un fascista *ante litteram*, o, nel caso della critica marxista, un esponente della reazione agraria, esso è anche, e vuole costantemente esserlo, un uomo di scienza, non un mistico né un profeta, non un capo carismatico. La contrapposizione all'irrazionalismo e alla mistica è la nota che distingue W. dagli estremi cui giungerà poi la critica di ispirazione nazista, debitrice piuttosto al misticismo irrazionalistico dello Stephan George Kreis [...]”.

de que ambos acreditavam que as aspirações políticas de Platão foram sua principal preocupação, enquanto sua tarefa filosófica fora somente uma atividade à qual o filósofo grego se dedicara por ter sua vida política frustrada. Tal similaridade pode ser evidenciada nas palavras de Stefan Rebenich:

Hildebrandt estava certo de que “Platão nunca pretendeu criar uma escola acadêmica; em vez disso, ele requereu disciplinas caracterizadas pela lealdade incondicional, da qual ele poderia determinar a constituição e realizar o novo espírito”. Entretanto, com a morte de Díon, o sonho de Platão de realizar sua Politeia chegou ao fim. Aqui, também Hildebrandt tinha uma resposta: “A academia era o estado espiritual; inicialmente pretendido para ser o germe de um estado político, mas gradualmente, despreziosamente, ele passou para a época dos reinos espirituais” (Rebenich, 2017, p. 189-190, tradução nossa).¹¹

Outrossim, ao se filiar ao partido nazista, em 1933, a produção de Hildebrandt acabou acenando diversas vezes em apologia ao regime, sendo constituído como professor de filosofia na Universidade de Kiel e, logo em seguida ao advento do nacional-socialismo ao poder (Rebenich, 2017), no mesmo ano que publicara o livro *Platão, a luta do espírito pela potência [Platon, der Kampf des Geistes um die Macht]*,

O qual indicava com precisão o *background* de referência de Hildebrandt: se *Geist* remetia genericamente à tradição hegeliana, *Macht* era indubitavelmente uma referência a Nietzsche, e

¹¹ “Hildebrandt was certain that ‘Plato never intended to found an academic school; rather, he required disciples characterized by unconditional loyalty, with whom he could determine the constitution and realize the new spirit’. However, with the death of Dion, Plato’s dream of realizing his Politeia came to an end. Here, too, Hildebrandt had an answer: ‘The academy was a spiritual state; initially intended to be the germ of the political state, but gradually, unintentionally, it passed into the epoch of spiritual realms’”.

Kampf era uma referência ao escrito programático de Hitler (Vegetti, 2012, p. 124).

Explica, Bonazzi sobre a importância do livro de Hildebrandt:

O ano de publicação do livro de Hildebrandt – 1933 – foi ainda mais importante que o ano de publicação do de Wilamowitz. A capa do livro de Hildebrandt não deixou espaço para dúvida no que se refere às simpatias políticas do autor: ela ostentava uma suástica. No mesmo ano, Hildebrandt também publicou uma tradução da *República* de Platão, na qual ele explicitamente associou Platão e Hitler, apresentando o último como o filósofo guia do diálogo (Bonazzi, 2020, p. 191, tradução nossa).¹²

Hildebrandt, em tais escritos, utilizou de Platão para indicar a íntima relação entre os gregos e os alemães (tal como Wilamowitz, Jaeger e Stenzel), além de indicar o caráter eugenista de sua abordagem. Isso se deu de tal modo que tal afinidade greco-germânica fundamentava a utilidade dos textos platônicos para a crise alemã, que eventualmente poderia ser resolvida pela eugenia, afinal Hildebrandt:

[...] exaltou Platão como o pai da eugenia e a autoridade chave em reprodução seletiva. Na *Politeia* de Platão, Hildebrandt detectou a combinação ideal de educação intelectual e seleção biológica que resultou na produção de uma elite aristocrática. As interpretações filosóficas de Hildebrandt sobre Platão e seu “fundamentalismo estético” refletiram e legitimaram elementos chave da ideologia Nacional-Socialista (Rebenich, 2017, p. 190, tradução nossa).¹³

¹² “The publication year of Hildebrandt’s book – 1933 – was even more important than the publication year of Wilamowitz’s. The cover of Hildebrandt’s book left no room for doubt regarding the political sympathies of the author: it bore a swastika. In that very same year, Hildebrandt also published a translation of Plato’s *Republic* in which he explicitly associated Plato and Hitler, presenting the latter as the philosopher guide of the dialogue”.

¹³ “[...] praised Plato as the father of eugenics and the key authority on selective breeding. In Plato’s *Politeia*, Hildebrandt detected the ideal combination of intellectual education

Ademais, Hildebrandt não somente pontuou uma interpretação política de Platão tendo por fiadora a *Carta VII*, mas erigiu tal aproximação sob um vocabulário marcado pelas influências: de Nietzsche (Vegetti, 2012), que para ele, havia sido o primeiro a entender realmente o propósito platônico (Hildebrandt, 1933, p. IX); de George, que lhe proporcionou uma crítica ao ambiente acadêmico (Maiatsky, 2011); e dos nazistas, que lhe deu contornos raciais e linguísticos distintos. Dessa maneira, quando Hildebrandt (1959, p. 343) menciona que “Alguns chamam Platão de fanático pela virtude porque não percebem que ele não parte de um conceito de virtude, mas da tarefa de formar um molde para o novo povo”¹⁴, ele não nega o adjetivo de fanático a Platão, recusando somente a pecha da virtude à técnica de criar e melhorar homens (antropotecnia) platônica, isso pode se dar, talvez, pelo fato de que, no discurso nazista “fanático” tem um sentido positivo¹⁵ (Klemperer, 2009, p. 115).

O médico e antropólogo Hans Günther¹⁶, ademais, como explicita Johann Chapoutot, considera como centro do pensamento platônico a *República*, as *Leis*, o *Político* e as cartas, em especial a *Carta VII*, que além de ter a autenticidade defendida entre os intérpretes de Platão como Wilamowitz, Jaeger, Stenzel e Hildebrandt, era referência na educação

and biological selection which resulted in the production of an aristocratic elite. Hildebrandt's philosophical interpretations of Plato and his 'aesthetic fundamentalism' reflected and legitimized key elements of National Socialist ideology”.

¹⁴ “Manche schelten Platon einen Tugendfanatiker, weil sie nicht sehen, daß er nicht von einem Tugendbegriff ausgeht, sondern von der Aufgabe, einen Prügstock für das neue Volk zu formen”. Tal menção está presente no livro *Platão, Logos e mito* [Platon, Logos und Mythos] que é a versão pós-guerra do livro *Platon, der Kampf des Geistes um die Macht*.

¹⁵ Para Alan Kim (2017, p. 221), os leitores nazistas de Platão viam a classe dos guardiões como “membros fanáticos” encarregados de manter (via coerção) a coesão do Estado.

¹⁶ É importante ressaltar a importância e influência de Günther, que foi um dos primeiros raciólogos a se juntar ao partido nazista, sendo o mais proeminente teórico da raça do nazismo (Steinweis, 2008) e tendo livros de sua autoria na biblioteca particular de Hitler (Ryback, 2008).

nazista¹⁷, dado que: “O programa impõe a leitura da *República* de Platão, tal como a da *Carta VII*” (Chapoutot, 2017, p. 141, tradução nossa)¹⁸, revelando a importância do caráter biográfico na construção da interpretação acerca de Platão naquele momento histórico. Outrossim, Hildebrandt (1933, p. XXXII-XXXIII) também confere inquestionável autenticidade à *Carta VII*, usando de uma suposta biografia política de Platão para fortalecer seus argumentos racistas e eugenistas, de modo que:

[...] é na reconstrução da “biografia política” de Platão – conduzida através do exame dos diálogos por ordem cronológica – que o discurso de Hildebrandt alcança tons francamente surreais, embora conduzida com atenção quer pelas análises pormenorizadas, quer pelas exclamações retóricas. Tanto mais que, em contraluz, faz-se coincidir esta biografia, até certo ponto, com a de Adolf Hitler, uma menção somente implícita na obra maior, mas tornada explícita na introdução à *República* (p. XI) (Vegetti, 2012, p. 129).

É nesse contexto que, numa tentativa de acentuar os contornos raciais que imputou às obras, Hildebrandt (1933, p. XXII) coloca o diálogo *Menêxeno* como uma introdução à *República*. O autor o faz logo após mencionar o mito de criação dos atenienses, ou seja, de conferir à autoctonia ateniense um caráter explicitamente racial¹⁹ (Hildebrandt, 1933,

¹⁷ Bernhard Rust, Ministro da Educação do Reich em 1936, na ocasião da reforma do currículo do ensino secundário, em um memorando defendia o estudo de Platão como mecanismo para a defesa da raça nórdica (Chapoutot, 2008, p. 147).

¹⁸ “*Il programma impone la lettura della Repubblica di Platone, così come della Lettera VII*”.

¹⁹ Alfred Rosenberg (2021), o principal ideólogo do nazismo, em seu *O Mito do Século XX [Der Mythos des XX. Jahrhunderts]* também abordou longamente o mito da autoctonia ateniense, compreendendo o legado grego a partir de um aparato teórico racista diverso daquele de Arthur de Gobineau, dado que esse “[...] não satisfazia os alemães, porque, entre outras coisas, não era suficientemente antissemita, enquanto na Alemanha estendia-se um antissemitismo difuso. [...] O dileitante que teorizou o relato do racismo involutivo à medida do imperialismo e do neocolonialismo alemão foi um inglês educado na França e

p. XXI). Em outras palavras, Hildebrandt usa do mito de que os atenienses seriam autóctones, ou seja, um povo excepcional por ter nascido do seu próprio solo (ao invés de ser fruto de uma imigração), bem como das passagens em que o Sócrates platônico, no diálogo mencionado, exalta a “exceção ateniense” para fundamentar uma posição racista anacrônica e eugenista.

Os argumentos de Hildebrandt acerca da “exceção racial ateniense” encontram dois problemas, que se repetiram noutros autores, especialmente os nazistas: (a) os gregos não tinham ainda a raça como elemento estruturante das suas sociedades (Jácome Neto, 2020); e (b) os diálogos platônicos são tomados de forma literal, ignorando suas nuances (Jácome Neto, 2020). Nesse caso, Hildebrandt atribui aos atenienses um orgulho racial, que poderia ser evidenciado no seu mito de criação, bem como na oração fúnebre recitada pelo Sócrates platônico no diálogo supracitado, contudo, tal interpretação é anacrônica, dado que aponta na Antiguidade um fenômeno que é tipicamente moderno:

O racismo seria fruto de um contexto histórico particular caracterizado pela experiência europeia de colonização entre os séculos XVII e XIX, assim como pelo desenvolvimento da teoria darwinista da evolução e pela construção de uma ciência que explicasse o desenvolvimento desigual das supostas raças humanas. Assim, a lógica de derivar características culturais e morais de marcas fenotípicas e biológicas é típica do pensamento racista que surgiu na modernidade europeia. Assim sendo, o racismo seria uma experiência desconhecida da Antiguidade (Jácome Neto, 2020, p. 22).

deslumbrado com a cultura alemã: Houston Stewart Chamberlain (1855-1927). Depois de andar pelo mundo e voltar-se admirador da obra de Wagner – quem não chegou a conhecer pessoalmente –, casou-se com a filha menor deste (Eva Wagner), nacionalizou-se alemão e em Viena escreveu a sua obra mais famosa: *Os fundamentos do século XIX*. [...] A obra de Chamberlain foi retomada por Alfred Rosenberg em 1930, outro diletante que foi condenado e executado em Nürnberg pelos crimes cometidos na Polónia, e que levou o romantismo até o extremo de pretender uma religião política” (Zaffaroni, 2019, p. 36).

Além disso, em sua abordagem do *Menêxeno*, que é um texto marcado por uma oração fúnebre eivada palavras que expressam pureza, natureza e ódio, Hildebrandt desconsidera que: (a) o elogio à pureza ateniense poderia ser um exercício de ironia e comicidade típico do Sócrates platônico (Jácome Neto, 2020); e que (b) os termos relativos à pureza empregados no grego antigo remetem “A noções triviais que nada têm a ver com a noção moderna de pureza racial” (Jácome Neto, 2020, p. 32).

Ademais, como aponta Vegetti (2012), a argumentação de Hildebrandt se constrói tendo em vista duas recusas: a negação a um Platão “dialético”, que seria demasiado apegado a conceitos; e a um Platão “socrático”, que, sob a influência Nietzscheana, seria considerado um moralista. Seu desenvolvimento teórico mostra-se certamente marcado pela influência de Adolf Hitler e de Stephan George, a despeito das críticas do poeta ao estadista. No que concerne às figuras que admirava, Hildebrandt encarava George como um melhor legislador, e Hitler em seu melhor, como um tirano (notando que “tirano” não tem, para o autor, conotação negativa) (Lane, 2011).

Platão sob a suástica

A intimidade entre gregos e germânicos vista nos escritos dos intérpretes de Platão não se restringe ao Círculo de George e ao caso específico de Kurt Hildebrandt, mas também se expande a outros pensadores do período. Dentre tais autores se destaca, o ensaísta, Joachim Bannes, que a despeito de seguir a linha de Hildebrandt no sentido de se apropriar da biografia de Platão para compará-la à de Hitler, se via como um rival em uma competição contra o *George-Kreis* pela “interpretação dominante” da obra platônica (Maiatsky, 2011, p. 113).

No emblemático ano de 1933, Bannes publicou o seu *Luta de Hitler e o Estado de Platão [Hitlers Kampf und Platons Staat]*, de maneira que além de indicar certa continuidade interpretativa da obra platônica,

usando a *Carta VII* como fundamento (Bannes, 1933, p. 11), tratou de comparar Hitler e Platão, bem como e seus respectivos projetos, traçando um paralelo entre a cidade ideal platônica e a política hitleriana (Ajavon, 2006). Como fizera Hildebrandt, Bannes também se assemelha a George neste ponto:

Como George espelha a si e a sua missão em Platão, o escritor nazista, Joachim Bannes, compara Platão a Hitler, ainda enfatizando o mítico tema-Gestalt. Em seu livro de 1933, *Hitlers Kampf und Platons Staat*, Bannes afirma que Hitler vê o Estado Nacional-Socialista como um todo, proclama e o realiza. Assim, Bannes dá a Hitler o papel do poeta hierofântico anunciado pelos georgeanos, mas para Bannes, os supostos paralelos não são uma matéria de acidente histórico, mas determinados pela afinidade racial ariana de Platão e Hitler (Kim, 2017, p. 212, tradução nossa).²⁰

A afinidade espiritual e étnica entre gregos e germânicos se nota ainda mais em Bannes, ao tratar do próprio status de “ariano” que Platão passa a ter, deixando de serem meramente semelhantes para serem parte do mesmo povo ou raça. Embora a questão racial tenha importância para Joachim Bannes, isso não implica em uma centralidade da eugenia. Para o autor em questão, a eugenia, embora necessária, se restringe a uma função administrativa, sendo possível notar sua concordância com Hildebrandt neste sentido, de modo que ambos se opõem à concepção de Günther da eugenia (Kim, 2017). Assim, para Günther, a eugenia tem um papel mais eminente, enquanto para Hildebrandt e Bannes tinha somente um caráter acessório, como afirma Vegetti (2012, p. 134).

²⁰ “Just as George models himself and his mission on Plato, the Nazi writer, Joachim Bannes, compares Plato to Hitler, again emphasizing the mythic Gestalt-theme. In his 1933 book, *Hitlers Kampf und Platons Staat*, Bannes claims that Hitler sees the National Socialist state as a whole, proclaims and realizes it. Thus Bannes gives Hitler the role of the hierophantic Poet heralded by the Georgeans, but for Bannes, the purported parallels are not a matter of historical accident, but determined by Plato’s and Hitler’s racial affinity as Aryans”.

É dessa forma que se evidencia uma das principais interpretações eugenistas da obra de Platão: a construção teórica de Hans F. K. Günther de *Platão como Guardiã da vida* [*Platon als Hüter des Lebens*], de maneira que se revelou como mais um pensador que compartilha a ideia de que os ensinamentos de Platão são válidos para os novos tempos germânicos; afinal

Günther pressupõe então a universalidade da mensagem política platônica – e particularmente de seu aspecto eugênico explícito, que pode e deve trazer uma explicação em todas as sociedades humanas ameaçadas pelo declínio, e particularmente a Alemanha (Ajavon, 2006, p. 269, tradução nossa).²¹

Platão, portanto, é exposto, novamente, como o portador de uma mensagem profundamente política capaz de enfrentar o declínio civilizacional da Alemanha.

Günther dá continuidade também à tese da germanidade do próprio Platão, o qual é apresentado como “essencialmente nórdico” em seu psiquismo e em suas obras (Günther, 1928, p. 9). O raciólogo mostrou, portanto, que ainda estava de acordo com as interpretações aristocráticas de teor biográfico que surgiram desde Wilamowitz, pois citou frequentemente a *Carta VII*, tal como a ânsia de Platão de concentrar o poder nas mãos dos filósofos (Ajavon, 2006). Diante disso, é importante ressaltar que o constante uso da *Carta VII* pelos partidários do nazismo e da eugenia se deu de forma problemática, dado que: (a) presumiam a autenticidade da epístola, o que é objeto de um importante debate acadêmico atualmente²²; e (b) a usavam de chave de leitura para os diálogos, limitando-os a um exercício político e contrariando o argumento da própria carta (340b-344d), que indica que o saber filosófico não se

²¹ “Günther présuppose donc l’universalité du message politique platonicien – et notamment de son aspect eugénique explicite, qui peut et doit trouver une application dans toutes les sociétés humaines menacées par le déclin, et particulièrement l’Allemagne”.

²² Exemplificando, para Luc Brisson (2011, p. 623) a carta seria “muito provavelmente” autêntica, enquanto que para Burnyeat e Frede (2015) e Trapp (2016) ela seria falsa.

constrói a partir de tratados ou de estudos exegéticos de palavras escritas (Politis, 2020).

Ademais, Günther, dando contornos raciais à obra de Platão, conclui que, para o ateniense (em discordância com a ressalva de Jaeger citada no capítulo 1 deste artigo), a eugenia deve selecionar os indivíduos aptos para o processo educacional, dado que “Não é qualquer pessoa que pode ser ‘treinada’ ou ‘educada’ para se tornar um líder” (Günther, 1928, p. 20, tradução nossa)²³. O objetivo principal da educação platônica seria, portanto, mostrar quem pode se aproximar do ideal corpóreo-mental e quem não pode, fazendo os primeiros (que seriam os de raça nórdica) se reproduzirem e tomar conta da política, enquanto os segundos diminuem sua taxa de natalidade e se tornam obedientes (Günther, 1928, p. 59).

O caráter eugenista da obra de Günther se constituiu mediante a mescla de elementos de outros pensadores eugenistas e raciólogos, colocando Platão como um precursor da eugenia moderna e racista, embora as contradições daí implicadas fossem muitas. Platão, novamente, é instrumentalizado e inserido em uma tradição a despeito das incongruências daí implicadas. Desse modo, Ajavon demonstra como Günther fez tal movimentação argumentativa de relacionar Platão à eugenia moderna:

Günther vincula o filósofo ateniense a três autores que marcarão sua própria visão racial de mundo: Gobineau (1816-1882), defensor de uma raça germânica pura em seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*; Mendel (1822-1884), biólogo austríaco que trabalhou na hibridização de plantas e na genética; e Galton (1822-1911), naturalista inglês criador do eugenismo (cf. p. 30). Segundo Günther, Platão é um precursor da eugenia contemporânea. No entanto, em nenhum caso Platão e Galton

²³ “*Nicht jeden Beliebigen kann man zu einem Führer ‘bilden’ oder ‘erziehen’*”.

compartilham o mesmo objetivo (Ajavon, 2006, p. 278, tradução nossa).²⁴

O ideal aristocrático de Günther também estava contaminado pelo seu pensamento de caráter racista e eugenista, de maneira que, para ele: “Os filósofos-reis deverão ser ‘homens de sangue puro’” (Vegetti, 2012, p. 135), em oposição aos sofistas, que seriam asiáticos²⁵ (Chapoutot, 2017). Para construir tal argumentação eugenista e elitista acerca das passagens Platão tratou da eugenia em suas obras, Günther precisou de: (a) traduções pouco precisas e anacrônicas; e (b) leituras literais de passagens figuradas.

(a) Günther, referindo-se à Filosofia, cita em seu livro a seguinte passagem de Platão (*Rep.* 535c): “Pois não eram bastardos que se misturavam com ela, mas homens de sangue puro”²⁶ (tradução nossa). Por sua vez, tal passagem, na edição portuguesa (Platão, 2009), traduzida por Maria Helena da Rocha Pereira constou da seguinte maneira “Não deviam ser os bastardos a tratar dela, as os filhos legítimos”²⁷. Assim, pode-se perceber que a opção por traduzir *γνησίους* (Burnet, 1903) como “homens de sangue puro” ao invés de “filhos legítimos” revela uma tentativa de deturpação do sentido original do texto, atribuindo ao membro do *genos* grego um caráter racial tipicamente moderno, dado que tal legitimidade (ou até mesmo pureza) não tinha contornos raciais naquele período.

(b) Ademais, Günther observava o mito platônico das “raças metálicas” de forma quase que literal, ignorando as possíveis nuances e

²⁴ “Günther met un trait d’union entre le philosophe athénien et trois auteurs qui vont baliser sa propre vision raciale du monde : Gobineau (1816-1882), défenseur d’une race germanique pure dans son *Essai sur l’inégalité des races humaines* ; Mendel (1822-1884), biologiste autrichien ayant travaillé sur l’hybridation végétale et la génétique ; et Galton (1822-1911), naturaliste anglais créateur de l’eugénisme (cf. p. 30). Selon Günther, Platon se pose en précurseur de l’eugénisme contemporain. Or, en aucun cas Platon et Galton ne partagent le même objectif”.

²⁵ “Ricorda che i nemici di Platone erano i sofisiti, ‘uomini di razza asiatica, come ci insegna la scienza razziale’”. “Lembra que os inimigos de Platão eram os sofistas, ‘homens de raça asiática, como ensina a ciência racial’” (Chapoutot, 2017, p. 208, tradução nossa).

²⁶ “Denn nicht Bastarde sich mit ihr besassen, sondern Menschen von reinem Blute”.

²⁷ A tradução francesa de Luc Brisson (2011) também opta por “fils légitimes”.

interpretações diversas do texto, como bem sintetiza Fiore (2017, p. 163, tradução nossa): “[...] o antropólogo parece ignorar propositalmente o fato de que o filósofo ateniense está ciente de que está expondo uma fábula para contar e certamente não uma teoria biológica. Sócrates já estava partindo da premissa de que o mito era falso [...]”²⁸.

A interpretação eugenista e aristocrática do raciólogo, foi de extrema importância para o regime nacional-socialista, dado que consagrou Platão como antecessor de uma visão eugenista da sociedade que servia para os objetivos nazistas. Dessa forma, conferiu-lhe fama e prestígio dentre os partidários do nazismo, sendo citado por figuras como Alfred Rosenberg (Matthäus, Bajohr, 2017) e Walther Darré (Ministro da Alimentação e Agricultura do *Reich* e principal ideólogo da concepção *Blut und Boden*).

Para Darré (2021, p. 238), não haveria um modelo terreno de reprodução animal que correspondesse perfeitamente ao ideal platônico de seleção, não obstante, os indicativos platônicos serviriam ainda como um referencial para que não se perdesse um parâmetro na eugenia. Assim, Platão seria, em alguma medida, uma norma comparativa que permitisse um controle de qualidade da reprodução controlada de seres vivos. Logo, seria nesse contexto, de uma sociedade alemã renascida em uma nova nobreza de sangue, que uma profecia platônica se concretizaria:

É concebível, então, que o povo alemão possa um dia exemplificar para o mundo um sistema político e uma cidadania semelhantes aos que Platão viu no espírito nobre, mas que a própria história ainda não experimentou (Darré, 2021, p. 266, tradução nossa).²⁹

²⁸ “[...] *l’antropologo sembra ignorare di proposito che il filosofo ateniese è consapevole del fatto che sta esponendo una favola da raccontare e non certo una teoria biologica. Già Socrate partiva dalla premessa che il mito fosse falso [...]*”.

²⁹ “*It is conceivable then that the German people will one day be able to exemplify to the world a political system and citizenry akin to that which Plato saw in the noble spirit, but which history itself has not yet experienced*”.

Rosenberg, por sua vez, trata de Platão e Sócrates de forma ambígua: ainda que elogie o primeiro em alguns momentos, trata o segundo como um tipo racial oriental (Rosenberg, 2021, p. 200) e uma mácula na história grega. Grosso modo, Rosenberg trata como “socrático” tudo aquilo que ele discorda na obra platônica, como, por exemplo, a possibilidade de educar todos os homens:

Somente um Sócrates [ca. 430 a.C.] poderia pregar uma insanidade como a ideia de que a virtude poderia ser ensinada e transmitida a todos os homens – uma ideia ainda mais refinada por Platão: Aquele que realmente compreende a natureza do mundo das ideias deve necessariamente ser virtuoso. Com a promulgação de uma visão de mundo tão individualista e sem rosto, o machado foi realmente atingido nas raízes da vida grega (Rosenberg, 2021, p. 61, tradução nossa).³⁰

Rosenberg, ao criticar tal “insanidade socrática”, acaba por atacar indiretamente, a leitura de Platão feita por autores como Hildebrandt, Bannes e Günther, por apontar na obra platônica uma defesa da capacidade de todos os homens de aprender e se tornarem virtuosos. Desta maneira, Rosenberg faz um balanço do que é ou não socrático em Platão, de modo que a sua busca pela “salvação racial” seria algo eminentemente platônico:

Visto sob esse aspecto do desenvolvimento histórico, um gênio como Platão parece ter desperdiçado todo o seu espírito com esse homem e o presenteia com a imortalidade. Platão era essencialmente um aristocrata, um lutador olímpico, um artista formador e um pensador profundo. No final de sua vida, ele desejava salvar seu povo racialmente por meio da promulgação de uma

³⁰ “*Only a Socrates [ca. 430 BC] could preach such insanity as the idea that virtue could be taught and imparted to all men – an idea further refined by Plato: He who really understands the nature of the world of ideas must of necessity be virtuous. With the promulgation of such an individualistic and faceless worldview, the axe was truly struck at the roots of Greek life*”.

poderosa constituição. Nada disso era socrático; foi o último grande florescimento do espírito helênico. Mais tarde, Praxíteles formulou um protesto contra todo o socratismo. Esse foi o canto do cisne da beleza racial grega nórdica. Na arte, esse fato teve como paralelo a criação da magnífica Nike de Samotrácia [cerca de 200 a.C.]. Mas Sócrates continuou sendo um símbolo de declínio. A Hélade desapareceu em um caos racial. No lugar dos orgulhosos atenienses, os quase asiáticos, universalmente desprezados, povoaram as províncias. Os gregos permitiram que esses inferiores raciais sem caráter se tornassem seus educadores. Por fim, eles expulsaram os verdadeiros gregos (Rosenberg, 2021, p. 203, tradução nossa).³¹

Em outras palavras, Platão serviria a Rosenberg desde que fosse um “filósofo da decadência”, ou seja, um filósofo capaz de fundamentar uma crítica à “teatrocracia” (como Platão chamava a política democrática ateniense e Rosenberg, claramente, a democracia liberal moderna) e à “decadência racial” de suas cidades (Matthäus, Bajohr, 2017, p. 494). Para isso, Rosenberg precisou fazer um recorte duvidoso da obra platônica, bem como um arranjo anacrônico para tratar de raça nas obras do grego.

Platão foi, ademais, exaltado noutros momentos por figuras mais proeminentes do partido, como Gottfried Feder e Martin Heidegger. O primeiro, economista e redator do Programa do Partido, pautava que a renovação alemã somente se daria mediante uma disciplina rigidamente

³¹ “Viewed from this aspect of historical development, such a genius as Plato appears to have squandered his entire spirit on this man and presents him with immortality. Plato was essentially an aristocrat, an Olympian fighter, a formative artist, and a profound thinker. At the end of his life he wished to save his people racially by enacting a powerful constitution. None of this was Socratic; it was the last great flowering of the Hellenic spirit. Praxiteles later formulated a protest against all Socraticism. This was the swansong of Nordic Greek racial beauty. In art, this was paralleled by the creation of the magnificent Nike of Samothrace [ca. 200 BC]. But Socrates remained a symbol of decline. Hellas disappeared in racial chaos. In place of the proud Athenians, the universally despised near-Asians populated the provinces. The Greeks allowed these characterless racial inferiors to become their educators. Eventually they drove the true Greeks away”.

platônica, de modo que os correligionários deveriam ser, antes de tudo, guardiões platônicos:

A grande tarefa que o nacional-socialismo tem diante de si é a determinação de restaurar a forma, de dissipar o caos, de colocar o mundo, que se afastou das antigas disposições, em ordem novamente, e de guardar essa ordem – no mais alto sentido platônico (Feder, 1980, p. 23, tradução nossa).³²

A assertiva de Heidegger, por sua vez, é mais problemática, indo além de uma mera menção como recurso retórico que visava inspirar os partidários do regime. O filósofo alemão, no discurso que fez ao tomar posse do cargo de reitor da Universidade de Fribourg, em 1933, finalizou sua fala com *Tà Megála Pánta Apisphalé* traduzido como *Alles Große Steht Im Sturm* (Heidegger, 2017, p. 163). Tal proclamação é grave, pois, Heidegger opta por fazer uma tradução errada³³ visando um vocabulário exortatório que, naquele contexto, seria inescapavelmente nazista:

Identificar o espírito à tempestade ou ao assalto – duas maneiras possíveis de traduzir a palavra *Sturm* – é indicar nitidamente que o uso heideggeriano da palavra “espírito” não tem mais nada a ver com a filosofia nem com a metafísica. Sabe-se que o termo *Sturm* era empregado pelos nazistas para designar

³² “The great task which National Socialism has set before it is a determination to restore form, to dispel the chaos, to set the world, which has departed from the old dispensations, in order again, and to guard that order – in the highest Platonic sense”.

³³ Sobre a arbitrariedade da tradução, Farias (2017, p.16) fornece outras possibilidades mais aceitas: “[...] uma tradução bem peculiar de um trecho da República de Platão, que já ajudou vários filósofos sérios a ironizar a arbitrariedade da compreensão heideggeriana dos ‘gregos’. Enquanto a maioria das traduções fundamentadas fala que ‘toda grandeza deve ser pensada com cuidado’ (Schleiermacher) ou ‘tem em si seus perigos’ (Appelt), ou ‘Todas as coisas grandes são arriscadas’ (Eggers Lan), a tradução de Heidegger colocava o texto num horizonte conceitual de violência e ruptura, mas também em relação direta com milícias SA (Sturmabteilung), que, naquele ato solene, exibiam suas bandeiras perto do reitor”.

suas “seções de assalto” (*Sturmabteilung*), ou SA. Heidegger mesmo já o utiliza numa “tradução” filologicamente indefensável de Platão, com a qual concluíra seu discurso do reitorado (Faye, 2015, p. 191-192).

Assim, pode-se compreender que Platão, entre os nazistas, foi instrumentalizado de diferentes maneiras e por diferentes setores dos defensores do nazismo. Diante disso, em suma, Platão teve sua entrada no nazismo por meio de “duas principais vias”, sendo estas, Hildebrandt e Günther, tendo por contexto o renascimento da glória alemã e o combate contra o Iluminismo. Vegetti elabora a situação em sua complexidade, abordando uma via fanática e aristocrática e outra via eugenista:

Por um lado, a aspiração à potência de uma “heróica” aristocracia do espírito, voltada à salvação do povo e do estado, com Hildebrandt; por outro, a eugenia voltada para a pureza racial, com Günther. No fundo, encontrava-se a afinidade entre as virtudes guerreiras dos gregos e dos alemães, a luta contra os “sofistas” iluministas e “burgueses”, o sentido da decisão fatal confiada a um Führer (Platão, Hitler, ou quem quer que fosse) e a uma elite capazes de guiar a nação para o seu renascimento (Vegetti, 2012, p. 136).

Logo, faz-se mister compreender a apropriação nazista de Platão não somente como uma interpretação com pretensões exegéticas do autor ateniense, mas como uma filosofia política racista que usa dos gregos como fundamento e justificativa para as atrocidades cometidas pelo regime.

O Oxímoro nazista: Biopolítica da alma

É no calor do momento que a análise de Emmanuel Levinás se desenvolve: em 1934 o autor judeu publica o artigo “Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo”, visando analisar a ascensão do regime

nacional-socialista em seu momento inicial, observando, portanto, suas características de um ponto de vista privilegiado e, por isso, diferenciando-se das análises feitas posteriormente. Contudo, não somente nisso reside sua excepcionalidade; afinal, a leitura de Levinás traz uma reflexão de alto alcance e enormes consequências. Para o autor, o regime nazista se desenvolve teoricamente dentro de uma temática da própria filosofia ocidental, contudo, invertendo seus valores.

Em outras palavras, Levinás observa a relação entre corpo e alma, bem como a liberdade humana na filosofia ocidental, passando pelo cristianismo, pelo judaísmo e pelo marxismo, para só então poder falar do hitlerismo. É neste contexto que o autor se questiona sobre Sócrates

O que segundo, a interpretação tradicional, é ter um corpo? É carregá-lo como um objeto do mundo exterior. Para Sócrates, ele pesa como os grilhões que o filósofo porta na prisão de Atenas; encerra-o como a própria tumba que o espera. O corpo é o obstáculo. Interrompe o impulso livre do espírito, devolve-o às condições terrestres, mas, como obstáculo, deve ser superado (Levinás, 2016, p. 59).

Logo, se para Sócrates, o mentor de Platão, o corpo é a prisão da alma, ou seja, algo com um certo teor ou margem interpretativa negativa, para os nazistas “Pelo contrário, é nesse agrilhoamento ao corpo que consiste toda a essência do espírito” (Levinás, 2006, p. 62). Para o nazista, é positivo que corpo e alma se agrilhoem, tolhendo a liberdade e isso é a base da sua visão racista, pois, coincide o espírito e suas possibilidades com as que (supostamente) lhe são imputadas por sua raça, de maneira que

O homem já não se encontra perante um mundo de ideias onde poderia escolher sua verdade para si mesmo – por uma decisão soberana de sua livre razão – já se encontra vinculado a algumas delas, tal como está vinculado por nascimento a todos que são de seu mesmo sangue (Levinás, 2006, p. 65).

Simona Forti, por sua vez, vale-se das reflexões de Levinás para poder analisar a paradoxal característica da filosofia nazista: a biopolítica das almas: “O termo ‘biopolítica’ é geralmente usado para descrever uma ‘política do corpo’ ou, para ser preciso, política para todo o corpo da população” (Forti, 2006, p. 9, tradução nossa)³⁴. De maneira que, seguindo a linha de Levinás, com base nos estudos acerca da interpretação de Platão pelos nazistas e eugenistas, Forti sugere que, para os nazistas, a íntima relação entre corpo e alma culminaria na raça como uma expressão da alma (Forti, 2006). Implica-se, portanto, a preservação do corpo e da raça, tendo em vista a pureza e a superação da decadência percebida por tais autores na democracia alemã. Contudo, deve-se ressaltar que “O corpo a ser preservado não será o corpo individual, mas o corpo de *ghenos*, o corpo da raça, ou mais precisamente, a expressão da eterna alma da raça” (Forti, 2006, p. 19, tradução nossa)³⁵.

Ademais, é necessário ter em vista que a interpretação nazista não é uma mera construção argumentativa eugenista (e simplista) da obra de Platão, tendo desdobramentos mais profundos. Indica Forti, portanto, uma relação mais grave: “Justiça e saúde não são mais conectadas em um sentido metafórico; em vez disso, sua relação se torna uma de identidade literal [...] verdadeira política é, portanto, eugenia” (Forti, 2006, p. 19, tradução nossa)³⁶. Diante disto, conclui-se que “Não há escapatória da alma da raça, pois ninguém pode escapar de seu próprio corpo, o qual é, precisamente, uma expressão do Tipo” (Forti, 2006, p. 20, tradução nossa)³⁷, ou seja, que a alma, a liberdade e a moral estão agrilhoadas ao tipo, ao corpo, de forma que a filosofia do hitlerismo, exposta por Levinás

³⁴ “The term ‘biopolitics’ is generally used to describe a ‘politics of the body’ or, to be precise, politics for the entire body of the population”.

³⁵ “The body to be preserved will not be the individual body, but the body of the *ghenos*, the body of the race, or more precisely, the expression of the eternal soul of the race”.

³⁶ “Justice and health are no longer connected in metaphorical sense; rather their relationship becomes a literal identity [...] true politics are therefore, eugenics”.

³⁷ “There is no escape from the soul of the race, because nobody can escape from his own body, which is, precisely, an expression of the Type”.

nos anos iniciais do regime nazista tal como os ideólogos admiradores de Platão do nacional-socialismo compartilham de tal tese.

A produção teórica nazista certamente balizou a desumanização dos povos excluídos do regime nazista, vítimas de diversas violências, como campos de concentração e extermínio, *pogroms*, prisões arbitrárias e execuções sumárias. Tal eliminação da humanidade se deu mediante a hierarquização nazista das raças, atrelando grupos étnicos à categorias que os limitavam moral e ontologicamente. A desumanização se deu de forma violenta, negando explicitamente o caráter de humano aos sujeitos que não faziam parte da “comunidade do povo” nacional-socialista, como demonstra Simona Forti:

Em outras palavras, nem todos indivíduos nascem humanos. É necessário ser parte da verdadeira humanidade: a Ideia, a Alma e o Tipo. Verdadeira humanidade não abrange tudo e todos. É preciso ser parte dela através da purificação, buscar pela perfeição, pela seleção; em suma, o processo platônico de ascender até a ideia. Mas esse não é o caminho para cada alma individual, se provida com uma parte racional, pode conseguir em relação ao individual “corpo da terra” o qual se encontra. Não é o “ainda socrático” Platão que apela aos nazistas da metafísica da Gestalt (Forti, 2006, p. 23, tradução nossa).³⁸

Tal processo de desintegração da humanidade dos povos perseguidos, como os judeus, relembra o dito de Hitler: “Sem dúvida, os judeus são uma raça, mas não são humanos” (Spiegelman, p. 10, 2017). Isso se dá de forma que a total deterioração se desenrola pelo fato de que

³⁸ “*In other words, not all individuals are born human. One has to be part of true humanity: the Idea, the Soul, and the Type. True humanity does not concern all and sundry. One may be part of it through purification, striving for perfection, through selection; in short, the Platonic process of ascending toward the idea. But it is not the path that each individual soul, if provided with a rational part, can achieve in relation to the individual ‘body of earth’ in which it has ended up. It is not the ‘still Socratic’ Plato who appeals to the Nazis of Gestalt metaphysics*”.

aos semitas é negada uma existência legítima, uma participação na alma do povo³⁹, por meio de uma metafísica nazista com apropriações da filosofia e vocabulário de Platão (Forti, 2006).

Ademais, a interpretação nazista dos escritos de Platão, embora deveras deturpada, não é totalmente alheia aos textos do filósofo, como pode-se observar com Forti: “Existem, de fato, passagens, como a do Livro V da *República*, nas *Leis* e em o *Político*, que parecem servir bem com a ideia de alma e corpo como dois lados, respectivamente o dentro e o fora, que juntos determinam o Tipo e a Ideia” (Forti, 2006, p. 23, tradução nossa)⁴⁰. Nesse sentido um exemplo seria a célebre passagem do Sócrates platônico (*Rep.* 459a-462a) na qual, ao descrever a seleção ideal dos membros da *Kallipolis*, menciona que essa deveria ser como a dos cães de caça, de forma que a priocridade seria dada aos melhores espécimes, visando que eles proliferassem suas qualidades hereditárias o máximo possível dentro das necessidades estabelecidas pela cidade.

Assim, a eugenia platônica seria um dever da cidade que visava o melhoramento do todo por meio do aprimoramento dos indivíduos. Ajavon (2001, p. 161, tradução nossa) explica que a eugenia, para Platão, “Tem duas aplicações essenciais no quadro estrito da gestão ‘justa’ da cidade: por um lado, assegurar a regulação social hierárquica e, por outro, assegurar a regulação social demográfica”⁴¹. A novidade nazista em relação à obra platônica seria, portanto, a finalidade de produzir, a partir da

³⁹ “*Jews are by and large simulacra, that is to say impure bodies because deprived of a soul, or at best unable to participate in a soul of their own, in the soul of the ghenos. Jews are not simply a different Type, a different soul, of an inferior race: They are the anti-Type par excellence*”. “Judeus são em geral, simulacros, isto é, corpos impuros, pois estão privados de alma, ou, no melhor caso, incapazes de participar de uma alma própria, uma alma do *genos*. Judeus não são simplesmente um Tipo diferente, uma alma diferente, de uma raça inferior: eles são anti-Tipo por excelência” (Forti, 2006, p. 23, tradução nossa).

⁴⁰ “*There are in fact passages, such as in Book V of the Republic, in The Laws, and in the Statesman, that seem to fit in well with the idea of soul and body as the two sides, respectively the inside and the outside, that together determine the Type, the Idea*”.

⁴¹ “*La pratique eugénique a pout Platon deuz applications essentielles dans le cadre strict de la gestion ‘juste’ de la cité : d’une part assure une régulation sociale hiérarchique, d’autre part assurer une régulation sociale démographique*”.

seleção eugenista, uma comunidade do povo racialmente pura. Apesar do período clássico estar marcado por “Modalidades não hereditárias de preconceito cultural”, como a xenofobia e o etnocentrismo⁴² (Jácome Neto, 2020, p. 34), o racismo propriamente dito está ausente como fator organizacional das sociedades da época, não havendo sequer palavras para “raça” ou “racismo” no grego antigo (Jácome Neto, 2020, p. 33).

Logo, conforme pontua Jácome Neto (2020, p. 33), é importante ressaltar que Platão não classificava os agrupamentos humanos a partir de fatores como “sangue” e “miscigenação”, advogando, na verdade, pela distinção entre os virtuosos e os não virtuosos, estabelecendo meios educacionais para melhorar os últimos. Tendo isso em vista, a leitura nazista deturpa Platão, atribuindo-lhe anacronicamente uma preocupação racial que “[...] confina o sujeito *ad vitam* à órbita estreita da sua raça, ao passo que, em Platão, qualquer indivíduo que seja considerado digno pelas suas próprias qualidades é elegível para entrar na casta dos guerreiros e, portanto, dos reis-filósofos” (Chapoutot, 2008, p. 152, tradução nossa)⁴³.

A biopolítica das almas foi, portanto, uma filosofia nazista ancorada em Platão que fundamentou seu argumento a partir de uma transposição anacrônica de conceitos racistas modernos na filosofia do ateniense. Assim, tal filosofar nazista seria uma importante expressão da lógica do racismo do Século XX, que aprisiona, de forma inescapável, os indivíduos no seu “tipo racial”.

⁴² É importante compreender o diferencial do racismo para a xenofobia e o etnocentrismo: o racismo bane qualquer individualidade da existência humana, dado que todas as características são decorrentes da herança racial compartilhada (Jácome Neto, 2020).

⁴³ “[...] *enferme ad vitam le sujet dans l’orbe étroit de sa race, alors que, chez Platon, tout individu qui en est, par ses qualités propres, jugé digne, est éligible à une entrée dans la caste des guerriers et donc des philosophes-rois*”.

Considerações Finais

Deve-se observar que a versão anti-intelectualista, ativista, racista e eugenista de Platão foi construída a partir de interpretações tendenciosas da obra do autor grego, imputando uma suposta afinidade racial e espiritual entre gregos e alemães a partir de uma falsa “arianidade”. Assim, a apropriação dos nazistas gira em torno de dois principais eixos problemáticos: (a) a leitura de Platão como um agente político (ou seja, não somente suas obras teriam contornos políticos, como também sua própria biografia) é direcionada, em grande parte, pela autenticidade da *Carta VII*, que até hoje não é um consenso⁴⁴ (Brisson, 2011, p. 623; Burnyeat, Frede, 2015; Trapp, 2016); (b) os diversos intérpretes nazistas de Platão imputaram ao autor um vocábulo e um objetivo alheio à sua época, ou seja, conferiram anacronicamente à sua obra preocupações típicas de um racista moderno. A problemática se desenvolve desse modo porque, a despeito de um certo grau de proximidade com os textos de Platão, os intérpretes conservadores, belicosos e nazistas ignoraram as nuances de passagens metafóricas ou possivelmente irônicas, bem como desconsideraram trechos e contribuições que não corroboraram suas teses como, como as páginas do *Fedro* (243e-257b) e do *Fédon* (66b-80e), acerca da separação de corpo e alma e dos males ocasionados em razão do primeiro. Assim, além de basear sua interpretação nos dois fundamentos problemáticos supracitados, a leitura dos nazistas é marcada pelo exagero e a seletividade na interpretação do autor grego.

Ademais, “Talvez a característica mais fundamental do fascismo seja a ‘revolta contra a razão’”⁴⁵ (Acton, 1938, p. 302, tradução nossa), de forma que isso seria uma marca do posicionamento nazista na interpretação anti-intelectualista de Platão. Neste sentido, por “anti-intelectualista”, entende-se a tomada de posição que rejeita a primazia da

⁴⁴ Ademais, o próprio uso da *Carta VII* como chave de leitura para os diálogos é algo criticável, dado que limita os significados da obra platônica e vão na contramão de seu método filosófico (Politis, 2020).

⁴⁵ “Perhaps the most fundamental characteristic of fascism is its ‘revolt against reason’”.

especulação filosófica e a universalidade da razão (a possibilidade de todos, em alguma medida, chegarem ao saber) na obra de Platão. Os partidários do nazismo atribuíram a Platão uma primazia do político e um cerceamento das possibilidades do saber humano a partir de um enquadramento racial. Em outras palavras, Platão era mais político que filósofo, e a sua política só poderia ser exercida por aqueles de raça nórdica.

As disputas acerca da interpretação de Platão são mais que uma querela acadêmica, mas um embate pela legitimidade da organização social, dado “[...] que aquele que controla Platão, por anexação ou rejeição, também controla a história da filosofia e a legitimação da política” (Galli, 2021, p. 20, tradução nossa)⁴⁶. Diante disso, o uso da *República*, de Platão como texto político nazista ensejou inúmeras interpretações, injustas com o ateniense, de forma que embora fosse possível entender o porquê de Platão ser visto como um salvador do “*Volk*” alemão (Sasaki, 2012), é fato que tal leitura é de responsabilidade dos intérpretes, e não de Platão, afinal:

Indubitavelmente somente esses pensadores que conscientemente colocam a si mesmos a serviço dessa estratégia são responsáveis pelas consequências. Platão não é responsável, nem a filosofia germânica como um todo, mas Gunther certamente é (Forti, 2006, p. 26, tradução nossa).⁴⁷

Não se trata, portanto, de “Salvar Platão de si mesmo” (Maiatsky, 2013; Vegetti, 2012), mas, de evidenciar que a despeito das similaridades com os nazistas e das problemáticas internas aos textos platônicos, – que Fiore (2017, p. 172) chama de “coincidências acidentais” – que a apropriação dos nazistas se empreendeu tendo por condição um recorte arbitrário e uma leitura fortemente enviesada. Portanto, a recepção nazista

⁴⁶ “[...] *che chi controlla Platone, per annessione o per rifiuto, controlla anche la storia della filosofia e la legittimazione della politica*”.

⁴⁷ “*Undoubtedly it is only those thinkers who put themselves knowingly at the service of this strategy who are responsible for these consequences. Plato is not responsible, nor is German philosophy as a whole. But Gunther certainly is*”.

dos textos de Platão não foi possível sem ignorar as contradições disso resultantes e deturpar as ideias do filósofo grego.

Referências

ACTON, Harry Burrows. The Alleged Fascism of Plato. *Philosophy*, Cambridge, v. 13, n. 51, p. 302-312, 1938. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0031819100013887>.

AJAVON, François-Xavier. L'étrange et inquiétant Platon de Hans F.K. Günther: Un exemple d'appropriation idéologique de la pensée grecque. *Laval théologique philosophique*, v. 62, n. 2, p. 267-284, 2006. DOI: <https://doi.org/10.7202/014281ar>.

AJAVON, François-Xavier. *L'eugénisme de Platon*. Paris: L'Harmattan, 2001.

BANNES, Joachim. *Hitlers Kampf und Platons Staat: Eine studie über den ideologischen Aufbau der nationalsozialistischen Freiheitsbewegung*. Berlin: Verlag von Walter de Gruyter & Co., 1933.

BONAZZI, Mauro. Towards Nazism: On the Invention of Plato's Political Philosophy. *Comparative and continental philosophy*, v. 12, n. 3, p. 182-196, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17570638.2020.1855406>.

BONAZZI, Mauro; CHIARADONA, Riccardo. Quale Platone per la politica? *Lo sguardo: Rivista di Filosofia*, v. 27, n. 2, p. 13-28, 2018.

BRISSON, Luc (Ed.). *Platon: Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Flammarion, 2011. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-4105_11_11.

BURNET, John (Ed.). *Platonis Opera*. Oxford: Oxford University Press, 1903.

BURNYEAT, Myles; FREDE, Michael. *The Seventh Platonic Letter: a seminar*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

CAMBIANO, Giuseppe. *Perche leggere I classici: Interpretazione e scrittura*. Bologna: Il Mulino, 2010.

CHAPOUTOT, Johann. *Il Nazismo e l'Antichità*. Torino: Einaudi, 2017.

CHAPOUTOT, Johann. Régénération et dégémérescence: la philosophie grecque reçue et relue par les nazis (Platon et la Stoa). *Anabases*, v. 7, p. 141-161, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/anabases.2510>.

DARRÉ, Richard Walther. *A New Nobility of Blood and Soil*. Trad. Augusto Salan; Julius Sylvester. Pennsylvania: Antelope Hill Publishing, 2021.

- FAYE, Emmanuel. *Heidegger: introdução da filosofia no nazismo em torno dos seminários de 1933-1935*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- FARIAS, Victor. *Heidegger e sua herança: o neonazismo, o neofascismo e o fundamentalismo islâmico*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- FEDER, Gottfried. *The programme of the National Socialist German Worker's Party and its general conceptions*. Shotton: B. P. Publications, 1980.
- FIORE, Vincenzo. Platone Totalitario. *Il Pensiero Storico: Rivista internazionale di storia delle idee*, n. 3, p. 133-172, 2017.
- FORTI, Simona. The Biopolitics of Souls: Racism, Nazism and Plato. *Political Theory*, California, v. 34, n. 1, p. 9-32, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1177/0090591705280526>.
- GALLI, Carlo. *Platone: La necessità della politica*. Bologna: Il Mulino, 2021.
- GÜNTHER, Hans Friedrich Karl. *Platon als hüter des Lebens*. München: I. F. Lehmanns Verlag, 1928.
- HEIDEGGER, Martin. A auto-afirmação da universidade alemã (o discurso da retórica). *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 149-166, 2007.
- HILDEBRANDT, Kurt. Einleitung. In: PLATON. *Der Staat*. Leipzig: Alfred Kröner Verlag, 1933.
- HILDEBRANDT, Kurt. *Platon: Logos und mythos*. Berlin: WALTER DE GRUYTER & CO., 1959. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110856781>.
- ISNARDI PARENTE, Margherita. Rilegendo il “Platon” di Ulrich von Wilamowitz. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, v. 3, n. 1, p. 147-67. 1973.
- JÁCOME NETO, Félix. A recusa da interação: um ensaio historiográfico sobre etnocentrismo e racismo na Grécia Antiga. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 21-41, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-02>.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KIM, Alan. An Antique Echo: Plato and the nazis. In: DEMETRIOU, Kyriakos N.; ROCHE, Helen (Orgs.). *Brill's Companions to classical reception*. Boston: Brill, 2017. p. 205-234. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004299061_010.
- KLEMPERER, Victor. *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LANE, Melissa S. The platonic politics of the George Circle: A reconsideration. In: LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin A (Orgs.). *A poet's reich: Politics and culture in the George Circle*. New York: Camden House, 2011. p. 133-163. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781571137241.008>.

LEVINAS, Emanuel. Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo. In: DAVIDSON, Arnold I.; LEVINAS, Emanuel; MUSIL, Robert (Orgs.). *Reflexões sobre o nacional-socialismo*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016. p. 45-68.

MATTHÄUS, Jürgen; BAJOHR, Frank (Org.). *Os diários de Alfred Rosenberg*. São Paulo: Planeta, 2017.

MAIATSKY, Michail. Sauver Platon de ses ennemis... et de lui-même. *Revue Française d'Histoire des Idées Politiques*, v. 31, n. 1, p. 97-109, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/rfhip.037.0097>.

MAIATSKY, Michail. Philosophe-roi chez poète-empereur: La réception de Platon dans le Cercle de Stefan George. *Philosophie antique: Problèmes, Renaissances*, Usagesn, v. 11, p. 73-125, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/philosant.1068>.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

POLITIS, Vasilis. Plato's Seventh Letter: A close and Dispassionate Reading of the Philosophical Section. *Classics Ireland*, v. 27, p. 56-77, 2020.

REBENICH, Stefan. "May a Ray from Hellas Shine upon Us": Plato in the George-Circle. In: DEMETRIOU, Kykriakos N.; ROCHE, Helen (Orgs.). *Brill's Companions to classical reception*. Boston: Brill, 2017. p. 178-204. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004299061_009.

ROSENBERG, Alfred. *The Myth of the 20th Century*. Oklahoma City: Clemens & Blair, 2021.

RYBACK, Timothy. *Hitler's Private Library: The Books that Shaped His Life*. New York: Knopf, 2008.

SASAKI, Takeshi. Plato and Politeia in twentieth-century politics. *Études platoniciennes*, v. 9, p. 147-160, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/etudesplatoniciennes.281>.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STEINWIES, Alan. *Studying the Jew: Scholarly Antisemitism in Nazi Germany*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

STENZEL, Julius. *Platão Educador*. Campinas: Kírión, 2021.

TRAPP, Michael. Against the authenticity of the seventh letter (on M. Burnyeat ad M. Frede, The Pseudo-Platonic Seventh Letter, ed. D. Scott). *Histos*, v. 10, p. 76-87, 2016. DOI: <https://doi.org/10.29173/histos336>.

VEGETTI, Mario. *Um paradigma no céu: Platão político, de Aristóteles ao Século XX*. São Paulo: Annablume, 2012. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0946-1>.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. *Doutrina penal nazista: a dogmática penal alemã entre 1943 a 1945*. Florianópolis: Tirant lo Blanch, 2019.

Data de registro: 19/07/2024

Data de aceite: 26/09/2024